

CUSTE O QUE CUSTAR

Título original: *Run Away*

Copyright © 2019 por Harlan Coben

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Ricardo Quintana

*preparo de originais:* Livia Cabrini

*revisão:* Melissa Lopes Leite e Tereza da Rocha

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Elmo Rosa

*foto do autor:* © Claudio Marinesco

*e-books:* Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C586c

Coben, Harlan

Custe o que custar [recurso eletrônico]/ Harlan Coben; tradução de Ricardo Quintana. São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital

Tradução de: Run away

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-030-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Quintana, Ricardo. II. Título.

20-66062

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

# Sumário

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo trinta e nove

Capítulo quarenta

Epílogo

Agradecimentos

## capítulo um

**S**IMON ESTAVA SENTADO num banco do Central Park – em Strawberry Fields, para ser mais exato – e sentia o coração se partir em mil pedaços. Ninguém poderia adivinhar só de olhar, é claro, pelo menos não a princípio, não até os socos começarem a voar e dois turistas finlandeses gritarem, tudo isso enquanto nove outros visitantes do parque, de diversas nacionalidades, filmavam o horrível incidente com seus smartphones.

Mas ainda faltava uma hora para isso acontecer.

Apesar de Strawberry Fields significar “campos de morangos”, não havia morangos ali e já seria forçar a barra chamar aquela área ajardinada de “campo”, no singular, quanto mais “campos”, no plural. Só que o nome não era literal, mas sim uma homenagem à canção homônima dos Beatles. Strawberry Fields é uma área triangular que dá para a 72nd Street com a Central Park West, dedicada à memória de John Lennon, que foi baleado e morto bem perto dali. A peça central desse memorial é um mosaico redondo de pedras portuguesas, com uma simples inscrição no meio:

### IMAGINE

Simon olhava para a frente, piscando, arrasado. Turistas chegavam aos montes e tiravam fotos no famoso mosaico – em grupo, em selfies solitárias, alguns ajoelhados sobre as pedras, outros deitados sobre elas. Naquele dia, como na maioria dos dias, alguém tinha enfeitado a palavra “Imagine” com flores frescas, formando o símbolo da paz com pétalas de rosas vermelhas que de alguma forma não saíam voando. Os visitantes eram pacientes uns com os outros – talvez porque o lugar fosse um memorial –, aguardando sua vez de chegar ao mosaico para tirar aquela foto especial que postariam no Instagram ou em outra rede social

qualquer com alguma citação de John Lennon. Quem sabe uma letra dos Beatles ou alguma parte dessa canção sobre todas as pessoas vivendo felizes e em paz.

Simon vestia terno e gravata. Nem se dera o trabalho de afrouxar o nó da gravata após sair do escritório no World Financial Center, na Vesey Street. Diante dele, também sentada perto do famoso mosaico, havia uma moça – como chamavam agora? Desocupada? Andarilha? Drogada? Doente mental? Pedinte? O quê? – tocando canções dos Beatles por alguns trocados. A “musicista de rua”, uma denominação mais gentil, talvez, arranhava um violão desafinado e cantava “Penny Lane” com a voz falhando em vários momentos, mostrando seus dentes amarelos.

Uma lembrança estranha ou no mínimo engraçada: Simon costumava passar muitas vezes por esse mosaico na época em que os filhos eram crianças. Quando Paige tinha uns 9 anos, Sam, 6, e Anya, 3, eles saíam do apartamento onde moravam, apenas cinco quarteirões ao sul, na 67th Street, e atravessavam a área de Strawberry Fields a caminho das estátuas de Alice no País das Maravilhas. Ao contrário da maioria das estátuas do mundo, ali as crianças podiam trepar nas figuras de bronze de mais de 3 metros de altura da Alice, do Chapeleiro Maluco, do Coelho Branco e dos cogumelos gigantes aparentemente indecentes. Sam e Anya adoravam explorar e pular entre as estátuas. Em algum momento, o menino sempre enfiava dois dedos nas narinas de bronze de Alice e gritava para o pai:

– Papai! Papai, olhe! Estou tirando meleca do nariz da Alice!

A mãe, Ingrid, suspirava e murmurava baixinho:

– Meninos...

Mas Paige, a primogênita, já naquela época era mais calada. Ela se sentava num banco com um livro de colorir e lápis de cera impecáveis – pois não gostava quando um deles se quebrava ou o rótulo descolava –, e, numa metáfora irônica, nunca saía da linha ao pintar as figuras. Mais tarde – aos 15, 16, 17 anos –, Paige passou a se sentar num banco, exatamente como Simon estava fazendo naquele momento, e escrever histórias e letras de música num caderno que o pai lhe comprara na Columbus Avenue. Mas ela não se sentava em qualquer banco. Cerca de 4 mil bancos do Central Park tinham sido “adotados” através de doações bem polpudas. Placas personalizadas foram instaladas neles, a maioria

simples homenagens, como a daquele em que Simon estava agora e que dizia:

EM MEMÓRIA DE CARL E CORKY

Outras placas, as que atraíam a atenção de Paige, contavam pequenas histórias:

PARA C. E B., QUE SOBREVIVERAM AO HOLOCAUSTO E  
RECOMEÇARAM A VIDA NESTA CIDADE

PARA MINHA QUERIDA ANNE. EU TE AMO,  
TE ADORO, TE VENERO. QUER SE CASAR COMIGO?

NOSSA HISTÓRIA DE AMOR COMEÇOU NESTE LOCAL EM 12 DE  
ABRIL DE 1942

O banco preferido de Paige, em que se sentava por horas a fio com seu caderno mais recente, talvez já fosse um indício do que estava por vir. Nele havia uma placa em homenagem a uma tragédia misteriosa:

LINDA MERYL, 19 ANOS. VOCÊ MERECEIA MUITO MAIS DO QUE  
ISSO E MORREU JOVEM DEMAIS. EU TERIA FEITO QUALQUER  
COISA PARA SALVÁ-LA.

Paige ia de banco em banco, lia as inscrições e escolhia uma como inspiração para uma história. Simon, numa tentativa de se conectar com ela, tentava fazer o mesmo, mas não tinha a imaginação da filha. Então sentava-se com seu jornal ou ficava mexendo no celular, verificando os mercados ou lendo notícias de negócios enquanto a caneta de Paige se movia sem parar.

O que terá acontecido com todos aqueles cadernos velhos? Onde

estariam agora?

Simon não fazia ideia.

“Penny Lane” felizmente chegou ao fim, e a cantora/pedinte emendou direto em “All You Need Is Love”. Havia um jovem casal sentado num banco ao lado dele. O rapaz sussurrou:

– Posso dar um dinheiro para ela calar a boca?

– É como se John Lennon estivesse sendo assassinado outra vez – respondeu a companheira do rapaz, debochando.

Algumas poucas pessoas deixavam moedas no estojo do violão da moça, mas a maioria a evitava ou se afastava fazendo uma careta, como se tivesse sentido um cheiro muito desagradável.

Simon, por sua vez, escutava com atenção, na esperança de descobrir algum vestígio de beleza que fosse na melodia, na canção, na letra ou na performance. Mal notava os turistas acompanhados dos guias, o homem sem camisa que vendia garrafas d’água por 1 dólar, o cara magrelo com uma barbicha que contava piadas e fazia promoções (seis piadas por 5 dólares!), a senhora asiática que queimava um incenso em homenagem a John Lennon, os corredores, os passeadores de cachorro, as pessoas que tomavam sol.

Mas não havia nenhuma beleza na música. Nenhuma.

Os olhos de Simon permaneciam fixos na moça pedinte que assassinava o legado de John Lennon. O cabelo da jovem era um emaranhado; o rosto, encovado. A garota era magra como um palito, maltrapilha, suja, estropiada, sem-teto, perdida.

Ela era também a filha de Simon, Paige.

Simon não via Paige havia seis meses – desde que ela fizera o imperdoável.

Fora a gota d’água para Ingrid.

– Deixe ela fazer o que quiser desta vez – dissera a esposa a Simon após a filha ter fugido.

– Como assim?

E então Ingrid, uma mãe maravilhosa, pediatra dedicada que devotava a vida a ajudar crianças necessitadas, falou:

– Não quero que ela volte para esta casa.

– Você não pode estar falando sério.



– Estou, sim, Simon. Que Deus me perdoe, mas estou.

Durante meses, sem que Ingrid soubesse, ele havia procurado Paige. Às vezes, as tentativas eram bem organizadas, como quando Simon contratou um detetive particular. Mas, em geral, seus esforços eram erráticos, aleatórios, consistindo em caminhadas por áreas perigosas, infestadas de drogados, mostrando a foto da filha para pessoas chapadas e repugnantes.

Não dava em nada.

Simon queria saber se Paige, que fizera aniversário recentemente (e ele se perguntava como comemorara – com uma festa, um bolo, drogas? Será que ela ao menos soube que dia era?), havia saído de Manhattan e voltado para a cidade universitária onde tudo começara a dar errado. Em dois fins de semana distintos, enquanto Ingrid estava de plantão no hospital, Simon fora de carro até lá e se hospedara no Craftboro Inn, que ficava perto do campus. Atravessara o pátio lembrando-se de quão entusiasmados estavam todos os cinco – ele, Ingrid, a caloura Paige, Sam e Anya – quando ajudaram Paige a se instalar; de como ele e a esposa ficaram eufóricos de otimismo ao pensar que aquele lugar arborizado, com tanto espaço verde ao ar livre, era um grande achado para a filha que crescera em Manhattan; e de como esse otimismo murchara e morrera depois.

Parte de Simon – uma parte a que ele nunca dava voz ou que nem sequer admitia que existia – queria desistir de procurá-la. A vida, se não tinha melhorado, certamente se acalmara desde que Paige fugira. Sam, que havia terminado o ensino médio na primavera, mal mencionava a irmã mais velha. Seu foco eram os amigos, as festas e a formatura, e naquele momento só pensava nos preparativos para o primeiro ano da faculdade. Anya, bem, Simon não sabia como ela se sentia em relação aos fatos. A filha caçula não falava com ele sobre Paige nem sobre qualquer outra coisa. As respostas às suas tentativas de puxar conversa continham apenas uma palavra que raramente tinha mais de uma sílaba. Tudo estava sempre “bom”, “bem” ou “ok”.

Então Simon obteve uma pista curiosa.

Seu vizinho de cima, Charlie Crowley, oftalmologista com consultório no centro, pegou o elevador com Simon uma manhã, três semanas antes. Após trocar as gentilezas de praxe entre vizinhos, Charlie,

encarando a porta do elevador como todo mundo faz, observando a passagem dos andares, timidamente e com sincero pesar disse a Simon que “achava” ter visto Paige.

Simon, também olhando para os números dos andares, pediu detalhes da forma mais casual possível.

– Eu acho que a vi, hum... no parque – disse Charlie.

– Tipo, caminhando por lá?

– Não, não exatamente. – Eles chegaram ao térreo. A porta se abriu e Charlie respirou fundo. – Paige estava... tocando violão em Strawberry Fields.

Ele deve ter visto o olhar desconcertado no rosto de Simon.

– Por alguns trocados, sabe?

Simon sentiu algo se rasgar dentro dele.

– Trocados? Como uma...

– Eu ia dar um dinheiro a ela, mas...

Simon fez um sinal de “Tudo bem, por favor continue”.

– ... mas Paige parecia tão alheia a tudo... Não sabia nem quem eu era.

Tive receio de que o dinheiro pudesse ir para...

Charlie não precisou concluir o pensamento.

– Sinto muito, Simon. De verdade.

Isso foi tudo.

Simon ponderou se contava à esposa sobre esse encontro, mas decidiu que não queria lidar com os efeitos colaterais. Em vez disso começou a frequentar Strawberry Fields nas horas vagas.

Nunca via Paige.

Perguntava a alguns andarilhos que tocavam se a reconheciam, mostrando uma foto da filha na tela do celular antes de jogar dinheiro no estojo do violão deles. Uns poucos diziam que sim e se ofereciam para dar mais detalhes caso Simon fizesse uma contribuição maior à causa. Ele até concordava em fazer, mas não conseguia nada em troca. A maioria admitia que não a conhecia, mas naquele instante, vendo Paige em carne e osso, Simon entendia por quê. Não havia quase nenhuma semelhança entre sua outrora linda filha e aquele debilitado saco de ossos.

Em Strawberry Fields, Simon costumava se sentar diante de uma placa ignorada que dizia:

ÁREA SILENCIOSA – NÃO SÃO PERMITIDOS SONS AMPLIFICADOS  
NEM INSTRUMENTOS MUSICAIS

E, depois de certo tempo, ele notou algo estranho. Os músicos, todos do tipo sujo-andarilho-esquálido, nunca tocavam ao mesmo tempo nem se sobrepunham. O revezamento entre eles era quase imperceptível. Alternavam-se pontualmente de hora em hora, na mais perfeita ordem.

Como se houvesse uma programação.

Custou 50 dólares a Simon encontrar um homem chamado Dave, um dos músicos de rua mais desleixados. O cabelo do homem era grisalho e formava um enorme capacete, os pelos da barba estavam presos por elásticos e uma trança descia pelo meio das costas. Dave, que parecia ter 50 e poucos anos bem-vividos ou então 70 de uma vida tranquila, explicou como tudo funcionava:

– Antigamente, tinha um cara chamado Gary dos Santos... conhece?

– O nome é familiar – respondeu Simon.

– Se você andasse por aqui na época, irmão, ia se lembrar dele. Gary era o autoproclamado prefeito de Strawberry Fields. Um cara grandão. Passou uns 20 anos por aqui mantendo a ordem. E quando digo “mantendo a ordem”, estou falando que as pessoas morriam de medo dele. O cara era maluco, entende?

Simon assentiu.

– Aí, lá por volta de 2013, Gary morreu. Leucemia. Apenas 49 anos. Este lugar – Dave fez um gesto afastando luvas que não cobriam os dedos – ficou uma loucura. Anarquia total sem o nosso fascista. Você leu Maquiavel? Tipo aquilo. Os músicos arrumavam briga todo dia. Território, entende?

– Entendo.

– Eles tentavam se organizar, mas, fala sério, metade desses caras mal consegue se vestir. Então um idiota tocava por muito tempo, aí vinha outro idiota e começava a tocar por cima dele, eles começavam a berrar, a se xingar, até na frente de crianças pequenas. Às vezes trocavam socos, e a polícia aparecia. Sabe como é, né?

Simon fez sinal positivo.

– Aquilo estava prejudicando a nossa imagem, sem falar do nosso

bolso. Então tivemos uma ideia.

– E qual foi?

– Criamos uma programação. Um rodízio de hora em hora, de dez da manhã às sete da noite.

– É mesmo?

– Sim.

– E funciona?

– Não é perfeito, mas um dia a gente chega lá.

Interesse econômico próprio, pensou Simon, o analista financeiro. Uma constante na vida.

– Como se reserva um horário?

– Mandando uma mensagem de texto. A gente tem cinco caras fixos. Eles ficam com os melhores horários. Os outros preenchem o que sobra.

– E é você que gerencia a programação?

– Sim, sou eu. – Dave estufou o peito de orgulho. – Sei como fazer o troço funcionar, entende? Tipo, nunca coloco a hora do Hal perto da hora do Jules, porque aqueles dois se odeiam mais do que as minhas ex me odeiam. Também tento fazer a coisa com certa diversidade.

– Diversidade?

– Isso mesmo. Temos negros, garotas, hispânicos, gays e até dois orientais. – Ele abriu os braços. – A gente não quer que as pessoas pensem que todos os vagabundos são brancos. É um estereótipo ruim, entende?

Simon estava entendendo. Estava entendendo também que, se desse a Dave duas notas de 100 dólares rasgadas ao meio e promettesse dar as outras duas metades quando ele dissesse o dia em que sua filha se apresentaria outra vez, provavelmente faria progressos.

Então, naquela manhã, Dave enviara a mensagem:

Hoje 11 da manhã. Mas eu nunca te disse nada. Não sou dedo-duro.

Depois:

Traga meu dinheiro às 10h. Tenho ioga às 11h.

E ali estava Simon.

Ele se sentou em frente a Paige. Perguntou-se se ela o notaria e o que ele faria caso a filha se assustasse. Não tinha certeza. Imaginara que a melhor opção seria esperar que ela terminasse de tocar, guardasse os poucos trocados e o violão e aí, sim, se aproximar.

Olhou para o relógio: 11h58. A hora de Paige estava terminando.

Simon havia ensaiado mentalmente tudo que iria falar. Já tinha ligado para a clínica Solemani, nos arredores da cidade, e reservado um quarto. O plano era o seguinte: dizer qualquer coisa, prometer qualquer coisa; bajular, implorar, usar qualquer meio necessário para conseguir que Paige fosse com ele.

Outro músico de rua vestindo calça jeans desbotada e camisa de flanela esfarrapada apareceu e se sentou perto de Paige. A capa de seu violão era um saco plástico preto. Ele tocou o joelho dela e apontou para um relógio imaginário no pulso. Paige assentiu enquanto terminava “I Am the Walrus” com um exagerado “goo goo g’joob”, depois levantou os braços no ar e agradeceu à multidão que não estava prestando atenção, muito menos aplaudindo. Ela recolheu as poucas e patéticas moedas e notas amassadas e guardou o violão no estojo com extremo cuidado. Aquele simples movimento – de colocar o instrumento no estojo – atingiu Simon em cheio.

Ele comprara aquele violão Takamine G-Series para a filha no seu aniversário de 16 anos. Tentou resgatar os sentimentos que acompanhavam as lembranças – o sorriso de Paige quando ela retirou o instrumento da parede na loja de instrumentos, o jeito como fechou os olhos enquanto o testava, como atirou os braços ao redor do pescoço do pai e gritou “Obrigada, obrigada, obrigada!” quando ele disse que o violão era dela.

Mas os sentimentos não vieram.

A terrível verdade era que Simon não conseguia mais reconhecer sua garotinha.

E, durante aquela última hora, ele havia se esforçado para isso. Agora tentava outra vez olhar para ela e evocar a criança angelical que um dia levava para as aulas de natação na escolinha. A que se sentara na rede nos Hamptons enquanto Simon lia para ela dois livros inteiros do Harry Potter, ao longo de três dias, durante o feriadão do Dia do Trabalho. A

garotinha que insistira em vestir a fantasia completa de Estátua da Liberdade duas semanas antes do Halloween. Mas – e talvez isso fosse um mecanismo de defesa – nenhuma dessas imagens se materializava.

Paige se levantou cambaleando.

Era hora de entrar em ação.

Do outro lado do mosaico, Simon ficou de pé também. O coração batia com força. Sentia uma dor de cabeça se aproximando, como se mãos gigantes estivessem apertando suas têmporas. Olhou para a esquerda, depois para a direita.

Procurava o namorado dela.

Simon não sabia dizer exatamente como as coisas começaram a degradingolar, mas culpava o namorado da filha pelo tormento que se abatera sobre ela e, em consequência, sobre toda a família. Sim, Simon havia lido tudo sobre como o viciado tem que assumir a responsabilidade pelas próprias ações, que a culpa era do dependente e só dele... tudo isso. E a maioria dos viciados (e, por extensão, suas famílias) tinha alguma história para contar. Talvez a dependência tivesse começado com a medicação para dor após uma cirurgia. Talvez eles a relacionassem à pressão dos colegas ou alegassem que uma única experiência havia de alguma forma evoluído para algo mais sério.

Sempre havia uma desculpa.

Mas, no caso de Paige – podem chamar de fraqueza de caráter, incompetência dos pais ou o que quiserem –, tudo parecia ligeiramente mais simples:

Havia uma Paige antes de conhecer Aaron. E outra Paige depois.

Aaron Corval era a escória – óbvia e evidente –, e quando se mistura escória com pureza, esta fica maculada para sempre. Simon nunca entendera a atração. Aaron tinha 32 anos, onze a mais que Paige. Numa época mais inocente, essa diferença de idade preocupara Simon. Ingrid não dera importância, mas ela estava acostumada a essas coisas por causa de sua experiência como modelo. Agora, é claro, a diferença de idade era o que menos importava.

Não havia nenhum sinal de Aaron.

Uma centelha de esperança despontou em Simon. Estaria ele finalmente fora de cena? Será que aquela malignidade, aquele câncer,

aquela parasita que se alimentava de sua filha tinha terminado o banquete e passado para um hospedeiro mais robusto?

Isso seria bom, sem sombra de dúvida.

Paige se dirigiu para leste, em direção ao caminho que cortava o parque, se arrastando como um zumbi. Simon começou a segui-la.

O que faria, pensou, se ela se recusasse a ir com ele? Isso não era apenas uma possibilidade, mas uma probabilidade. Simon tentara ajudá-la no passado, e não dera certo. Não podia forçá-la. Sabia disso. Já tinha até pedido a Robert Previdi, seu cunhado, que tentasse conseguir uma ordem judicial para colocá-la sob custódia. Isso também não funcionara.

Simon chegou por trás dela. O vestido de verão surrado estava muito solto nos ombros. Havia marcas marrons nas costas maculando a pele outrora perfeita – sol? Doença? Abuso?

– Paige?

Ela não se virou, nem sequer hesitou, e, por um breve segundo, Simon alimentou a fantasia de que estivera errado, de que Charlie Crowley estivera errado, de que aquele saco de ossos desganhado com cheiro rançoso e voz exausta não era sua primogênita, sua Paige, não era a adolescente que interpretara Hodel na montagem de *Um violinista no telhado* da escola, aquela que cheirava a pêssego e a juventude e comovera o público com seu solo de “Far from the Home I Love”. Simon não assistira a nenhuma de suas cinco apresentações sem ficar com os olhos marejados e quase aos soluços quando a Hodel de Paige se virava para Tevye e dizia:

– Papai, só Deus sabe quando nos veremos outra vez.

Ao que Tevye retrucava:

– Então vamos deixar isso em Suas mãos.

Ele pigarreou e chegou mais perto.

– Paige?

Ela diminuiu o passo, mas não se virou. Simon estendeu uma mão trêmula e a apoiou no ombro dela, sem sentir nada a não ser osso coberto por uma pele que parecia de papel, e tentou mais uma vez:

– Paige?

Ela parou.

– Paige, é o papai.

Papai. Quando fora a última vez que ela o chamara de papai? Ele era

chamado de “pai” por ela, por todos os três filhos, desde o tempo que conseguia lembrar, e, no entanto, a palavra acabava de sair de sua boca. Teve consciência da voz falhando, do apelo.

Ela, porém, não se virou para ele.

– Por favor, Paige...

E então ela saiu correndo.

Isso o pegou desprevenido. Paige já tinha uma vantagem de três passos quando ele se deu conta. Mas ultimamente Simon estava em ótima forma. Havia uma academia ao lado do escritório e, com o estresse de perder a filha – era como ele encarava aquilo, como se tivesse mesmo perdido Paige –, tornara-se obcecado por exercícios aeróbicos, que fazia durante o horário de almoço.

Ele disparou e logo emparelhou com ela. Agarrou Paige pelo braço fino – poderia ter segurado seu bíceps raquítico com o indicador e o polegar – e puxou-a para trás. O tranco talvez tenha sido um pouco forte demais, mas a coisa toda – a corrida, o puxão – fora uma reação automática.

Paige havia tentado fugir. Ele fez o necessário para detê-la.

– Ai! Me solta! – gritou ela.

Havia várias pessoas perto deles, e algumas, Simon tinha certeza, se viraram ao som do grito. Ele não se importava, mas sabia que isso acrescentava urgência à sua missão. Precisaria agir com rapidez para tirá-la dali antes que algum bom samaritano se apresentasse para “salvar” sua filha.

– Querida, é o papai. Só vem comigo, tá?

Ela ainda estava de costas para ele. Simon girou-a de modo que a filha tivesse que encará-lo, mas Paige cobriu os olhos com o braço, como se ele estivesse apontando uma luz brilhante para seu rosto.

– Paige? Paige, por favor, olha para mim.

O corpo dela se enrijeceu e então, subitamente, relaxou.

Paige tirou o braço do rosto e olhou devagar para o pai. A esperança brilhou outra vez em Simon. Sim, os olhos dela eram fundos e a cor era amarelada onde deveria ser branca, mas naquele momento, pela primeira vez, Simon achou que talvez tivesse visto um lampejo de vida neles.

Pela primeira vez, viu um indício da garotinha que conhecera.

– Pai? – disse ela.



Ele assentiu. Abriu e fechou a boca para falar alguma coisa, mas estava muito abalado. Tentou outra vez:

– Estou aqui para ajudar, Paige.

Ela começou a chorar.

– Me desculpe.

– Tudo bem – disse ele. – Vai ficar tudo bem.

Ele esticou os braços para colocar a filha em segurança quando uma voz ressoou como um golpe de foice.

– Que porra é essa?

Simon sentiu o coração parar. Olhou para a direita.

Aaron.

Paige se afastou de Simon ao ouvir a voz do namorado. O pai tentou segurá-la, mas ela soltou o braço, batendo o estojo do violão na perna.

– Paige... – disse Simon.

Qualquer que fosse o brilho que tinha visto em seus olhos poucos segundos antes estilhaçou-se em um milhão de pedaços.

– Me deixa em paz! – exclamou ela.

– Paige, por favor...

Ela começou a se afastar. Simon tentou pegar o braço da filha outra vez, como um homem desesperado caindo de um precipício e tentando se agarrar a um galho, mas Paige soltou um grito lancinante.

Isso fez com que as pessoas olhassem. Muitas. Mas Simon não recuou.

– Por favor, só me escute...

E então Aaron se colocou entre eles.

Os dois homens se encararam. Paige se protegeu atrás do namorado, que parecia drogado e usava uma jaqueta jeans sobre uma camiseta branca suja – a última moda entre viciados em heroína. Aaron trazia um monte de correntes em torno do pescoço; a barba estava por fazer, tentando parecer descolado, mas longe disso. Também usava botas de trabalho, o que era irônico para alguém que nunca experimentara, nem em sonho, um único dia de trabalho honesto.

– Está tudo bem, Paige – afirmou Aaron, com suave desdém, ainda encarando Simon. – Continue andando, boneca.

Simon balançou a cabeça.

– Não, não...